

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

TAMILY DOS SANTOS RIBEIRO

**RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA: O FESTIVAL DE
MÚSICAS DE NOVO ARIPUANÃ – DA UTOPIA À REALIDADE**

Novo Aripuanã
2024



TAMILY DOS SANTOS RIBEIRO

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA
O Festival de Músicas de Novo Aripuanã

Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 29 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador

Prof. Me. Leonardo Lucas Britto
Membro

Prof. Esp. Jakson de Matos Barros
Membro

RELATO DE EXPERIÊNCIA EM PESQUISA HISTÓRICA: O FESTIVAL DE MÚSICAS DE NOVO ARIPUANÃ – DA UTOPIA À REALIDADE

*Family dos Santos Ribeiro¹
André Luiz Passos Araújo²*

RESUMO: O presente relato de experiência em pesquisa histórica se debruça sobre o Festival de Músicas de Novo Aripuanã (FEMUNA) no período de 1990 a 2006 com o objetivo de trazer à tona aquele contexto histórico guardado na memória dos que o viveram e desconhecido pelas novas gerações de modo a preservar essa parte da história do município. Para isso, foi utilizado como método a História Oral, valendo-se de suas técnicas de entrevistas e tratamento das fontes orais, tornando possível compreender a origem do festival, a trajetória de seus idealizadores, a forte relação cultural com a população daquela época e os fatos que permanecem nas memórias de quem viveu aquele tempo. Portanto, esse estudo é de grande relevância para a memória daquele festival e para parte da história local, servindo de ponto de reflexão para estudos que sigam essa mesma linha de investigação no futuro.

Palavras-chave: Festival de músicas. Cultura. Memória. Manifestações populares. Novo Aripuanã.

1. Introdução

O presente relato de experiência aborda a temática do Festival de Músicas de Novo Aripuanã (FEMUNA), no qual foram utilizados alguns conceitos apreendidos durante o Curso de Licenciatura em História, tais como: História Oral, Patrimônio Cultural e Memória. Expõe, portanto, a prática do ato da pesquisa histórica, tão cara e fundamental a esse ofício.

Dessa forma, ao analisar o objeto proposto na pesquisa pela pesquisa relatada, percebeu-se preliminarmente que, ao longo da história, as sociedades humanas criaram diversas formas de manifestação cultural. A música não está fora desse contexto, pois se coloca como importante veículo de comunicação e expressão popular para externalizar sentimentos, angústias, identidades e assim por diante. As manifestações musicais, portanto, são pertencentes aos grupamentos humanos não só como recreação, mas também para comunicar e agregar. Eles são eventos culturais que colaboram com a

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. E-mail: tamilysantos1234@gmail.com.

² Professor assistente do curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. E-mail: luizpassos_am@yahoo.com.br.

movimentação da economia e a sociedade como um todo podendo ser interpretados por diferentes olhares (Tavares, 2021).

Refletindo sobre esse fenômeno histórico em nível nacional, mais especificamente a partir dos anos de 1960, pode-se perceber um movimento musical muito pujante com os “festivais de música, conhecidos como Festivais da Música Popular Brasileira, entre as décadas de 1960 e 1970, que foram movimento cultural de grande relevância para a sociedade” (Tavares, 2021, p. 11). Essa agitação não deixa de exercer influência em nível regional, que legou, para o Estado do Amazonas, o Festival da Canção de Itacoatiara (FECANI), cujo contexto se dá perante os processos culturais, políticos e históricos pelas quais passava a sociedade brasileira e entre diferentes movimentos musicais que tem sua expressão máxima nos anos de 1960, 1970 e 1980 com os festivais de canção do Brasil (Gama, 2021).

Com isso, percebe-se que os festivais de música trazem consigo muitos elementos que apontam para a cultura de um povo trazendo em seu bojo preocupações relacionadas ao momento em que são articulados. Tal premissa pode ser aplicada em relação ao Festival de Música de Novo Aripuanã (FEMUNA) que, durante mais de uma década de existência, construiu um legado de lembranças sobre musicalidade local e de temáticas regionais que gerava interações com a população que participava de forma direta ou indireta produzindo uma memória sobre o evento. Nesse sentido, Toledo (2012), colabora ao dizer que as festas estabelecem uma forma significativa de encontro e diálogo entre diversos grupos sociais. Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi de trazer à tona a história dos sujeitos que atuaram naquele espaço e tempo, com o interesse de estimular sua preservação. Para tal, recorreremos ao método da História Oral, com o qual foi possível captar as narrativas pessoais dos sujeitos, destacando seu protagonismo na construção de memória que define sua identidade e, em certa medida, influência na cultura local.

O texto está estruturado em três subtemas: Memórias da Construção do Festival, onde buscou-se relatar a origem do festival e seus desdobramentos; FEMUNA em Letras, no qual se apresenta trechos de músicas compostas sobre Novo Aripuanã que discutiam temáticas de preocupação da época e ainda permanecem atuais; e, finalmente, As Musas do FEMUNA, onde buscou-se discutir a valorização da mulher novo aripuanense, fazendo com que houvesse uma maior participação feminina em um espaço ocupado quase que predominantemente por homens.

Esse quadro apresenta uma pequena parte de um universo cultural que precisa ser valorizado, estudado e preservado. Espera-se que com esse relato seja possível que outras perspectivas de análise possam surgir e contribuir para a construção da história desse evento.

2. Procedimentos metodológicos

O desenvolvimento da pesquisa baseou-se essencialmente na utilização do método da História Oral, pautando-se as etapas de aquisição das informações no Manual de Meihy (2015). Este método é bastante utilizado quando se trata de objetos que não oferecem fontes tradicionais, uma vez que se recorre às narrativas dos sujeitos como registro de suas vivências. Nesse sentido a memória se coloca como a matéria prima do trabalho com a História Oral e que dará origem às fontes orais. Sobre isso, aponta Portelli (2016), que “ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, elas são cocriadas pelo historiador [...] dessa maneira, podemos pensar nas fontes orais como algo que acontece no presente em vez de apenas como um testemunho do passado [...]”.

Para as entrevistas, foram selecionadas pessoas que tiveram suas vidas diretamente ligadas à temática em investigação os quais: Sávio Colares, 56 anos, um dos idealizadores do evento, entrevistado no dia 27 de setembro de 2024; Maria Delzinei da Fonseca de Carvalho, 51 anos, que participou diretamente das atividades como expectadora e colaboradora, entrevistada no dia 11 de outubro de 2024; Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 56 anos, coordenadora do concurso de musas do festival, entrevistada no dia 24 de outubro de 2024; Dirley Lima e João Cruz, ambos integrantes do Grupo de Jovens Tucumãenses – GJT, entrevistas retiradas do Podcast XIUCAST do ano de 2022. Para que os objetivos deste trabalho fossem alcançados buscou-se trabalhar as três etapas que fundamentam a história oral, são elas: transcrição, textualização e conferência.

3. FEMUNA – Memórias da construção do festival

Compreender os aspectos sociais da memória, torna-se relevante para o trabalho dentro de uma pesquisa que se serve de oralidade, pois “a memória pode ser tanto individual como coletiva, porém ambas em determinado momento se entrelaçam em direção a construção social.” (Deglinomini, 2014, p. 03). Em outras palavras, é por meio dos relatos individuais, impressos nas memórias pessoais, que podemos ter um

agrupamento de narrativas que demonstram uma realidade que é coletiva vencida no cotidiano da sociedade.

Entender e recuperar esses eventos torna-se extremamente necessário para o registro da história local, principalmente ao constatar os escassos registros oficiais do município e os quase inexistentes trabalhos historiográficos. A exemplo, pode-se destacar o trabalho do memorialista Francisco Gouvêa (2021), que é uma referência sobre a história da cidade e do qual esta pesquisa se apropriou para iniciar algumas das reflexões, uma vez que oferece indícios sobre a criação do festival em questão. Além dele, recorreu-se ao conteúdo da página “Blog do Xit (2010)” que também traz um pouco dessa história. Ambos afirmam que em 1990 ocorreu a realização da primeira edição do FEMUNA, realizada pelo Grupo de Jovens Tucumãenses (GJT), desafiando a descrença local de que aqueles jovens seriam capazes de concretizar um evento daquela importância e renome, alçando-o como evento pertencente ao calendário oficial de eventos do estado.

Para descrever a história do FEMUNA é importante destacar primeiro o surgimento de um grupo de jovens que deu origem a um movimento cultural no qual o festival foi gerado: o Grupo de Jovens Tucumãenses (GJT) uma espécie de dissidência de um movimento anterior de grupo de jovens dentro da Igreja Católica conhecido como Jovens Mensageiros de Cristo (JOMECRIS).

Nós éramos do grupo de jovens da igreja, o JOMECRIS, então tivemos uma divergência, uma ruptura com a igreja, e fundamos um grupo de jovens, também, o GJT, Grupo de Jovens Tucumãenses, o Sávio tinha acabado de chegar aqui de Manaus, foi para Novo Aripuanã, e tinha a ideia de fazer um festival. Novo Aripuanã, a terra do tucumã, o objetivo do GJT era fazer com que Novo Aripuanã fosse reconhecido no Amazonas, mas qual vai ser a nossa marca? Aí, veio o FEMUNA. (Dirley Lima ao XIUCAST, 2022).

As primeiras ideias sobre o FEMUNA surgem da necessidade de fazer com que Novo Aripuanã, fosse reconhecido regionalmente, e que o município tivesse uma identidade cultural. Nesse bojo, o interesse pela originalidade era uma tônica do grupo fazendo com que um festival de música se colocasse como um veículo ideal pelo qual se poderia chegar a esse objetivo, já que por meio da música era possível retratar temáticas próprias da região.

Assim, o ano era 1989, eu estudava em Manaus, na época, 88, e daí eu vim pra Nova Aripuanã, em Manaus, na verdade, eu não ouvia falar de Novo Aripuanã, não ouvia. Se falava de Maués, Itacoatiara, Parintins. E

lá eu sempre sonhava assim, em fazer alguma coisa pra ser divulgado o nome de Novo Aripuanã. A gente falava de Novo Aripuanã e ninguém ligava. E aí, em Itacoatiara, despontava o FECANI, que era uma referência no estado. (Sávio Colares, 2024)

O FECANI é um dos festivais de músicas de maior representação cultural regional, onde se apresentam os diferentes gêneros musicais de nível regional e nacional, sobretudo, porque há participação de pessoas de diferentes regiões e do próprio Estado do Amazonas (Gama, 2009). A ideia era estabelecer um movimento com as mesmas características para Novo Aripuanã.

Essa mobilização entre amigos surgiu com força, porém era preciso um caminho mais estruturado que levasse até a concretização do desejo de realizar o festival de música com uma premissa independente, dispensando a ajuda da prefeitura ou da igreja. Era preciso erguer tudo do início. A ideia era ousada e, na sua origem, já demandava apoiadores:

Aí, como? Por onde começar? O que vamos fazer? Havia muita dúvida. E aí, o pessoal, aos poucos, foi topando fazer esse evento. Então, nós fomos conseguindo mobilizar pessoas. Por exemplo, professor Nôl, a professora Nilce, da Escola Guilherme Buzaglo. Conseguimos fazer divulgação nos outros municípios. Organizamos, fomos tirar madeira para o palco. (Sávio Colares, 2024)

De acordo com Sávio, a luta foi grande para começar um evento sem maiores apoiadores. Então, a própria população foi sua patrocinadora nos anos iniciais. Esse movimento de associação de grupo com a comunidade em geral vai ao encontro da perspectiva de Toledo (2012) ao afirmar que as festas estabelecem uma maneira significativa de encontro e diálogo entre os vários grupos sociais, ficando claro o papel desses eventos na construção da identidade cultural, sendo que é a partir deles que é possível aprender muito com a história de um povo e suas características. Assim, o FEMUNA angaria para si um caráter essencialmente popular, como manifestação genuína da comunidade e feita para ela.

O processo de consolidação daquele evento organizado por jovens começa a se configurar com o despertar do interesse de outras camadas da sociedade aripuanense, entrando em uma fase de expansão. É importante mencionar o apoio da classe política nesse processo, conforme aponta Dirley Lima:

O FEMUNA surgiu muito tímido, e você observa no decorrer dos anos que o FEMUNA foi evoluindo. É muito importante citar também a administração do Geramilton e do Vivaldo, na época que impulsionaram o festival, deram apoio, vocês sabem que Novo Aripuanã é uma cidade muito distante de Manaus. (Dirley Lima ao XIUCAST, 2022)

Esse apoio da prefeitura, inicialmente, não representava uma interferência significativa, como relata o senhor Dirley Lima. Pois nesse momento o incentivo que surgia era pela própria cultura musical, que se fez atuante nesse cenário importante da história de Novo Aripuanã.

A partir daí, houve tanta... eu não sei, uma força magnífica, de todo mundo gostar. Quando foi para o segundo FEMUNA, aí nós já fomos em Manicoré, já fomos em Borba, divulgar, já fomos em Manaus, divulgar. Eu lembro que, para o segundo FEMUNA, acho que foi o segundo FEMUNA, não sei se tu lembra, acho que era o terceiro ou o quarto FEMUNA, tinha aquele empresário que vinha aqui, da Rede Amazônica. (Sávio Colares, 2024)

Nesse momento, observa-se que o festival já começava a tomar forma, com a presença tímida da imprensa regional divulgando as festividades do município e mobilizando visitantes de outras cidades que começavam a se deslocar para participar do festival como espectadores e como concorrentes aos prêmios que eram oferecidos aos intérpretes e compositores.

O primeiro prêmio, do primeiro FEMUNA foi um pandeiro, um atabaque, um atabaque e um violão. O Élzio parece que tem até ainda o violão. O Aldenor deve ter, não sei se tem algum elemento ainda. Mas, assim, foi o que apareceu na cidade. A gente trabalhou, a gente trabalhou muito mesmo para que acontecesse aquele ano. (Sávio Colares, 2024).

Com o passar do tempo esses prêmios se tornam mais vultuosos, representando um crescimento notável, conseqüentemente, atraindo mais competidores. Esse fato leva, inclusive, a uma apropriação dos prêmios por parte de compositores visitantes, despertando algum desconforto entre os artistas locais, o que parece ser um efeito colateral do crescimento do evento, já que chamava a atenção de maior número de concorrentes de fora da cidade.

Teve um tempo em que no FEMUNA, quem ganhava as maiores premiações era o pessoal de fora, depois que foram os considerados “ratos de festivais”, Novo Aripuanã ficou só sendo mero expectador tirava em 3º lugar, porque o pessoal de fora estava mais preparado,

Novo Aripuanã era vitrine, tinha uma premiação boa [...]. (Dirley Lima ao XIUCAST, 2022)

Era de fato a maior manifestação musical do município, e isso movimentava também a economia, pois vendiam mais roupas, mais alimentos, os hotéis lotavam. A cidade na medida do possível era preparada para receber o festival, era uma mobilização da própria população, Helen Keller, na obra A História da Minha Vida (1903), diz “sozinhos podemos fazer tão pouco, juntos podemos fazer muito” [...]. O envolvimento comunitário destacava a importância da colaboração e do trabalho coletivo para alcançar grandes feitos:

[...] a gente colocava notas musicais das árvores, enfeitávamos as árvores, abríamos concursos para as ruas mais enfeitadas. Essa lembrança eu tenho. As casas pintadas, assim, com FEMUNA, o nome FEMUNA, era muito grande. Ai a cidade vinha sendo preparada assim, dessa forma, com a própria população mesmo. Entendeu? (Sávio Colares, 2024)

Era uma ornamentação coletiva, em que muitos participavam sem intenção de ganhar dinheiro, mas com o interesse de fazer dar certo, de mostrar o quanto eles apoiavam o evento e como já fazia parte de sua cultura. As munícipes ajudavam como podiam, cada uma à sua maneira, seja com trabalho ou com apoio financeiro. Os patrocínios ocorriam de diferentes formas:

A gente buscava junto com a prefeitura o prêmio. Mas, o resto tudo era patrocínio. Por exemplo, como era o patrocínio daquela época? A gente chegava com o professor e dizia assim, professor, você pode patrocinar 50 reais, por exemplo, outro você pode patrocinar 20, outro... pra gente dar como prêmio. A gente vendia cerveja, a gente trabalhava, a gente ia nas escolas, a gente não tinha rádio na época. (Sávio Colares, 2024)

É perceptível a mobilização na questão financeira. Não havia patrocinadores fixos, tudo era alcançado de forma espontânea, na base da amizade e consciência dos apoiadores, era uma espécie de “vaquinha social” em prol do desenvolvimento do evento, e assim, o festival foi se firmando. Já na questão das premiações, até isso era encargo da população que fazia por amor à cultura:

O Jairo, ele teve alguns anos que ele fazia os troféus dos campeões. Ele que fazia de madeira os troféus para os campeões do FEMUNA. Era ele. Ele chamava pra ele Jairinho. [...] Então ele era um dos artistas que faziam as obras de arte e te dava como prêmio aos campeões. Por isso que era algo assim, era música, mas tinha muito valor cultural. (Sávio Colares, 2024)

Tudo era empenho da população, talvez por isso esse festival tenha sido tão importante para os moradores locais, que até hoje lembram do evento com grande saudosismo. Porém, depois de um tempo o FEMUNA foi ganhando rumos que iam deixando à parte essa participação orgânica da comunidade. Com o crescimento do evento, o GJT foi perdendo poder de decisão sobre o festival já que entrava em jogo os interesses do poder municipal.

Aí, o festival cresceu, e houve necessidade de trabalhar com projetos, essas coisas, e a gente foi perdendo um pouco esse foco e foi ficando para a prefeitura. (Sávio Colares, 2024)

As questões políticas foram responsáveis por isso ter ocorrido, pois tiravam quem fazia oposição ao governo, colocavam quem era a favor, e assim o GJT foi se desarticulando e perdendo a frente da realização do festival. O evento passou a ser de responsabilidade da prefeitura e não apenas mais uma exclusividade da comunidade Novo Aripuanense, do povão:

Assim, eu vejo assim, quando nós perdemos o poder de decisão [...] de tomar as decisões para a realização do FEMUNA, eu acho que os nossos interesses foram deixando de lado. Então eu lembro que houve um prefeito nos tirou, não deixou a gente estar porque a gente era de um lado, político, e ele era de outro. (Sávio Colares, 2024).

O poder público vê a cultura como despesa, ele não vê a cultura como investimento. E a minha maior emoção é ver a continuidade daquilo que alguém lá atrás jogou uma semente e que essa semente deu frutos, é ver que estão dando continuidade à cultura de Novo Aripuanã. (João Cruz, ao XIUCAST, 2022)

É perceptível nas falas de Sávio e João que isso se deu porque os objetivos do festival foram sendo levados para outros rumos, talvez para um campo em que servisse de instrumento de promoção das forças políticas da cidade que detinham o poder de decisão e a capacidade de investimento. Passaram a se preocupar com atrações musicais reconhecidas a nível nacional, e não mais os artistas locais, redundando na perda da essência do festival idealizado, sonhado, por aqueles jovens de outrora. Já havia, a essa altura, uma identificação muito forte da população de Novo Aripuanã com o festival, conforme explica Sávio:

É, porque o próprio pessoal mesmo se manifestava. Eles faziam músicas e traziam pra mim. Sávio, Eu posso? Idosas, eu posso concorrer com essa música? Se inscreva, se inscreva. Imagina que, por exemplo, aquele Curió do Bico Doce, que cantou aqui, fez sucesso na Globo e

começou aqui. “Curió do bico doce, [cantando]” [...]. (Sávio Colares, 2024)

Vê-se que o evento marcava também uma possibilidade de demonstração dos talentos locais, que era reconhecido pela população pois o legado para os artistas locais acabou se tornando de grande importância. Muitos foram enxergados e seus talentos ganharam destaques:

[...] o FEMUNA, eu acho que o saudosismo é porque houve uma geração que vivenciou muito bem aquela época. Foi muito forte, foi muito intenso, foi uma paixão avassaladora que pode surgir em outros ângulos diferentes que a gente possa fazer. Mas muito em breve Novo Aripuanã terá um espaço para isso. O que a gente está fazendo ali no GJT. (Sávio Colares, 2024)

Como é visível na fala de Sávio, muitos queriam participar e compor suas músicas para competir no evento. Era algo que estava mexendo com as mentes dos moradores locais e viam que podiam somar de alguma forma com as atrações musicais do festival. E para isso, não havia restrições de idade, qualquer pessoa poderia compor suas músicas e tentar alcançar alguma premiação e mesmo que isso não acontecesse, já ficariam satisfeitos em contribuir com o evento e pela visibilidade dada ao trabalho. Por toda essa relevância, ainda pode-se observar um saudosismo desse momento importante da história da cultura de Novo Aripuanã:

Então, assim, era a contagem regressiva que a gente tinha, porque a gente sabia que nós íamos reencontrar os amigos que vinham para participar, para assistir o festival. E o que, assim, a gente vislumbrava era justamente a composição das músicas, porque [...] nós tínhamos filhos da Terra, que eram grandes compositores, são grandes compositores. Então, assim, a gente vivia aquela expectativa de ir para lá, para assistir (Delzinei Carvalho, 2024)

Várias pessoas se beneficiavam da realização do festival e isso deixou boas recordações:

E, com certeza, era muito, muito gostoso a gente vivenciar o FEMUNA, né? Porque era um modo de nós nos expressarmos, né? A alegria de rever os amigos, como eu já falei, e também das pessoas ganharem seu dinheiro. Claro que naquela época eram outros olhares, não é o olhar que hoje nós temos, né? Mas, assim, naquela época as pessoas já ganhavam seu dinheiro, então a gente ficava feliz de ver as pessoas mostrando o seu trabalho. E principalmente através da música, né? (Delzinei Carvalho, 2024)

E de repente tudo isso acaba, deixando importantes memórias e o desejo, de que um dia tudo isso volte a acontecer. Os motivos para o encerramento desse evento podem ser destacados pelo próprio desenvolvimento de novas formas de expressar a cultura local que mesclavam dança, cênica, artesanato e, evidentemente, música. O FEMUNA que, como parte essencial do processo histórico da cultura novo aripuanense, funda e estabelece as bases do FESTLENDAS que hoje se configura como o mais notável evento cultural da cidade.

3.2 FEMUNA em letras – Músicas do Festival

Uma música composta com uma letra e manifestada por uma voz é como uma flecha atirada ao alvo. Possui endereço, tem um objetivo, pretende causar um impacto. Ao pensar no FEMUNA como um festival que preza pela criação de letras que retratem a Amazônia e as questões regionais, tem-se que alcançar seu objetivo, e fazer com que essas letras se cristalizem na memória das pessoas, formando lembranças e sensações. Sobre isso, temos que,

A música é apenas um dentre vários elementos constituidores e presentes em nossas memórias. Não é raro que, ao ouvirmos uma canção, ela nos transporta no tempo ao encontro de um ambiente – de trabalho, de estudo – de uma situação vivida, de uma pessoa, de um evento. Vilarino (2004, p. 71)

As músicas do FEMUNA, foram e continuam sendo uma das maiores heranças do festival. Por isso, será apresentado neste tópico algumas das letras de músicas que ficaram consolidadas como símbolo daquela época e remetem a sentimentos diversos.

Por exemplo, no primeiro FEMUNA, quando o Elzio canta aquele clamor, que o Elzio fez aquela música com o Jujú né? É, Morte na Amazônia, que até hoje virou um hino, né? Onde a gente estar por aí, o pessoal pede, né? Essa música. “Quando penso, na Amazônia...” (Sávio Colares, 2024).

Essas canções estão na mente de muitas pessoas até hoje, o que representa que o festival ainda existe nas memórias dos moradores. Isso é algo muito bonito de ser ver, pois fez e continuará fazendo parte da história de Novo Aripuanã, comprovando que muitos compositores deixaram seu legado de um momento rico de reflexão sobre as questões da época e que, muitas delas, ainda fazem sentido atualmente.

Algumas eu não sei cantar, mas o Niroide sabe tudo. O Niroide tem uma memória boa, tem o Dudé que cantou também. Geraldo, Batista, Sírio, Tonieri. Tem muitas composições, o Aclimar tem uma música, tem a do Dudé que fala de Nossa Senhora, fala da castanha, “nas margens do rio Aripuanã, nasceu uma linda princesa”, aí o Dudé canta toda a história da produção agroextrativista do município. Tem o Mardem, que cantou duas vezes, né? Foi campeão, com Menor Abandonado. Essas músicas aí, que no fundo foi tornando uma identidade cultural. (Sávio Colares, 2024)

Direcionando suas canções, em grande parte, para a preservação da floresta e para a cultura desse povo, pois as músicas de festivais tendem a abordar temas relevantes, de algo que precisa ser falado a todas às populações, de forma específica, aos habitantes da região Amazônica, do estado do Amazonas, onde Novo Aripuanã está inserido. De modo específico, adentrar-se-á agora nas letras de algumas das canções, com apresentação de trechos daquelas que mais se destacaram no festival. Vale lembrar que a coletânea expressa nesse artigo tem como referência o trabalho de Gouvêa (2019).

A primeira a ser apresentada é “MORTE NA AMAZÔNIA”, de Élzio Mittouzo, que retrata as belezas da natureza e o processo de destruição feito pelo próprio homem. Isso configura-se uma crítica às diversas formas de destruição da fauna, flora e rios da Amazônia.

A Amazônia, Amazônia
Pulmão do mundo
Amazônia, Amazônia
Estão querendo é te matar
Amazônia, Amazônia
Estão querendo é te matar
Amazônia, Amazônia
Ai que tristeza que me dá.

Outra música é “PÔR DO SOL”, também composição de Élzio Mittouzo, que traz uma forte identificação sobre ser morador de Novo Aripuanã, do orgulho em poder contemplar as belezas peculiares desse lugar. Dando destaque ao Pôr do Sol, uma beleza natural que chama atenção de quem o vê, complementando de forma extraordinária a paisagem natural deste município:

Ver o pôr do sol, que esplendor
Avermelhando o horizonte do céu
Eu me sinto mais, muito mais
Aripuanense, aripuanense.

Também a música “AMAZÔNIA” composição de Amazonino Castro, faz uma crítica mais rígida em relação a destruição dos elementos naturais da Amazônia, um grito de socorro, chamando todos a preservar a natureza e tudo que há nela.

Amazônia cada dia mais ferida
São tantas agressões interrompendo a vida
Não é bom ver a natureza chorar
Seus olhos avermelhados
Não suportam tanta dor

A música “NA FOZ DO RIO ARIPUANÃ” do compositor Dudé. Destaca os povos indígenas mundurucus, que, segundo a tradição popular, deram origem à população novo aripuanense. Destaca seus aspectos culturais tão ricos em sua tradição como a caça, a pesca, o extrativismo vegetal e ainda as riquezas dos minerais existentes nessa região:

Da tribo Mundurucus
Surge uma civilização
De crença, costumes e lendas
Que formam uma tradição...
...antigamente uma aldeia, hoje
Novo Aripuanã...

A música “NUMA NOITE QUENTE DE VERÃO” do compositor/intérprete Elvies, faz uma aclamação ao amor, de como as coisas acontecem de repente e não se pode mais voltar atrás, um toque de romance em sua letra:

Em nome de Deus, eu te amo
E não posso negar pro meu coração
Num sonho de amor, eu te chamo
Mesmo sabendo que é impossível te amar

A Música: “PAZ SIM, GUERRA NÃO” do Compositor Francisco Gouvêa trazendo uma reflexão sobre a paz que é tão difícil de se alcançar nos tempos atuais:

Só quero paz, não quero guerra, não
Não quero ver destruição
Uma criança dá sorrisos
Com muita paz no coração

Essas são algumas das músicas marcantes do FEMUNA e que permanecem nas lembranças daqueles que viveram essa época e das pessoas que tiveram e tem acesso a esse material. A exposição desse material neste relato se dá para ilustrar o tipo de

composição e a percepção de como os temas eram tratados, de modo a permitir uma reflexão sobre a criatividade e a diversidade de formas de tratar os assuntos.

3.3 As Musas do FEMUNA

A diversidade cultural e estética em concursos são aspectos notáveis e são, de uma forma ou de outra, ressaltados de uma forma. De outro modo, falar em padrão de beleza quando se pensa em diversidade e opiniões divergentes se torna um tanto subjetivo, tendo em vista que o conceito de beleza é polissêmico e, sobretudo, uma construção tanto sociocultural quanto subjetiva (Barbosa & Mendes, 2023). Porém é inegável a relevância cultural da realização de concursos de beleza, visto que novos elementos são avaliados na atualidade e não apenas o aspecto físico, sendo ainda um espaço muito utilizado pelas mulheres, visto que no decorrer da história, a população feminina foi restringida de atuar em muitos campos, em que o homem mantinha a sua hegemonia.

Com isto em vista, vale destacar a participação mais efetiva das mulheres no FEMUNA que se deu através do chamado concurso de musas. Uma atração à parte do festival e que acabou sendo de suma importância para consolidar ainda mais o evento.

Eu não sei como entrei, mas eu, quando me vi, já estava no grupo GJT. Ele passou a fazer parte da minha vida quando, em 95, 96, o prefeito Vivaldo entrou na parceria do festival e se propôs a abraçar o projeto. Neste o festival surgiu a ideia a partir de um coreógrafo, que estava também na organização do festival pela prefeitura. (Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 2024).

Era uma atração a mais no FEMUNA, e aconteceu porque o festival abria essa porta para que mais atrações pudessem ser prestigiadas, pois isso engrandecia mais ainda o evento e mobilizava muito mais seguimentos da cidade. Mas, havia muitas coisas para serem pensadas, pois era algo inédito no município e assim precisava de muita atenção dos organizadores, da qual a senhora Rosilene Weckner (Lene) fez parte:

Então, a partir de então, nós começamos a trabalhar em cima dessa proposta. De todos os trabalhos que nós fizemos, o desfile foi a parte mais importante para mim. Seleccionamos 20 garotas (Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 2024).

Essa seleção movimentava a cidade, em especial as mulheres que queriam participar, não só pelo prêmio, mas pelo reconhecimento das pessoas, pois ficavam mais

conhecidas por todos. Era a forma que acharam de incluir a população feminina no festival, que era demasiadamente discreta:

A partir de então, a gente começou a perceber esse brilho. A valorização da mulher, da menina-mulher. Porque quem concorria eram as garotas na idade média de 15 a 18 anos. Então, a partir do momento que iniciamos esse projeto do desfile das garotas, as outras mulheres que tinham na sua vida o canto, elas começaram a se inscrever. Então, nós percebemos através dessa visão que isso fortaleceu a participação feminina nesse festival (Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 2024).

Essa atitude de inserir a participação feminina no festival serviu de estratégia para que de fato as mulheres passassem a fazer parte de forma mais efetiva do festival, afastando a timidez e acreditando que sua participação era um grande agregador para o fortalecimento do evento. Desse modo, as mulheres iam cada vez mais se interessando por essa competição de beleza:

Às vezes apareciam até trinta, trinta e cinco meninas, e dessas saíam dez das quais elas disputariam o primeiro, o segundo e o terceiro lugar, que seria a musa principal, o segundo lugar, e ali uma princesa, de simpatia, para não deixar que as outras não ficassem sem essa participação dentro do festival, houve até meninas que desfilaram em três festivais diferentes (Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 2024)

Depois da seleção, era preciso que as candidatas seguissem algumas orientações da coordenação:

[...] até porque tinha dentro do conjunto de escolhas o comportamento feminino. A partir da ficha escolar, a partir da participação dela dentro da sociedade, disciplina em relação à bebida, a sono, a estudo. Existia todo um preparo para que elas pudessem participar (Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 2024).

O cuidado com o estado de saúde e até mesmo com o emocional eram prioridades na véspera do concurso de beleza, pois elas precisavam estar bem para poder competir entre elas. No decorrer do festival, alguns pontos iam sendo aprimorados, pois tudo era novidade, especialmente em relação aos cuidados de beleza das meninas concorrentes, pois os componentes da coordenação eram poucos e isso dificultava no momento de fazer alguma atividade referente ao concurso:

A maioria dos nossos encontros foram feitos na praia, para fazer alguns ensaios fotográficos, para fazerem o bronzamento, porque não tinha bronzamento artificial naquela época. Então, duas, três vezes na semana, isso antecedendo o festival, nós íamos com essas meninas. E

assim, sozinha. Não tinha outras pessoas para ir, na verdade, compôs esse grupo que eu coordenei, o Franz e a Maria Mello. (Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 2024).

Esse trabalho de Rosilene se estendeu em todas as edições do Musa FEMUNA, conforme ela mesma argumenta com grande saudosismo sobre esse período:

Em todas as outras. Eu cuidei de todo o evento do Musa FEMUNA em todas as edições. Até a última que, se eu não me engano, foi a Luísa Gabriele. Ela é a Musa Eterna. A primeira Musa foi a Daniele, depois vieram as outras e nós encerramos com a Luísa, que foi um festival que não foi à altura daquilo que a gente queria, porque, como uma época ele subiu tanto e por não ter muita estrutura, o FEMUNA foi se desfazendo, porque a gente não tinha um apoio. As administrações, elas não compreendem um projeto desse tamanho (Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta, 2024).

Todas as participantes do concurso Musas, tem uma história para contar e algumas delas até tiveram sucesso fora de Novo Aripuanã. Apesar disso, pode-se analisar que de uma forma ou de outra, a participação feminina sempre esteve presente no festival, embora no quesito composições esse espaço continuasse, ainda majoritariamente dominado por homens.

4. Considerações Finais

O presente Relato de Experiência conseguiu alcançar seu objetivo inicial de deixar em voga as memórias sobre o Festival de Músicas de Novo Aripuanã (FEMUNA,) uma história desconhecida para a geração atual e que talvez esteja adormecida na memória dos que a viveram e que precisa ser estimulada. Bem como de toda sua importância cultural e social para os moradores locais. Algo muito significativo é a questão de como a população desse município abraçou essa causa. De como esse evento conseguiu reconhecer essa identidade cultural desses moradores e sua participação ativa na elaboração e consolidação do festival. Para área acadêmica, torna-se de suma importância esse estudo por contar essa parte da história local com o cunho acadêmico necessário. Como também para que as atuais e futuras gerações tenham conhecimento daquilo que representou e continua representado essa grande manifestação cultural à nível local.

5. FONTES ORAIS

Domingos Sávio Saldanha Colares. **Relato de Experiência em Pesquisa Histórica: O Festival de Músicas de Novo Aripuanã – da Utopia À Realidade.** Novo Aripuanã, Amazonas, setembro de 2024.

Maria Delzinei de Carvalho. **Relato de Experiência em Pesquisa Histórica: O Festival de Músicas de Novo Aripuanã – da Utopia À Realidade.** Novo Aripuanã, Amazonas, outubro de 2024.

Rosilene Fausta Mendes Weckner Palheta. **Relato de Experiência em Pesquisa Histórica: O Festival de Músicas de Novo Aripuanã – da Utopia À Realidade.** Novo Aripuanã, Amazonas, outubro de 2024.

6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Davi, Custódio. MENDES, Layla de Brito. Beleza e representatividade: a imagem da mulher associada a concursos de beleza. Instituto Federal Rio Grande do Norte. Curso Designer de modo. 2023. Disponível <http://memoria.ifrn.ed.br> Acesso em: 10 de novembro de 2024.

BLOG DO XIT. Novo Aripuanã. FEMUNA. Utopia, FESTLENDAS realidade. Disponível em: <https://blogdoxit.blogspot.com>. Acesso em: 24 de março de 2024.

DEGLINOMINI, Liziane de Souza. O uso da memória como meio da preservação da história e da cultura social. Monografia apresentada ao curso de pós-graduação à distância em Gestão de Arquivos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSMRS). Santa Maria. RS. 2014.

GAMA, Eder de Castro. Festival da Canção de Itacoatiara (FECANI): o local e o regional na perspectiva de um evento musical na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia), Universidade Federal do Amazonas - Manaus: UFAM, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projeto de Pesquisa.** Atlas. São Paulo. 1991.

GOUVÊA, Francisco Carlos Ferreira. **História do Nosso Povo. Novo Aripuanã-AM.** Editora D7. Campinas, São Paulo. 2021.

GOUVÊA, Elifranck. DVD FEMUNA. 2019. Disponível em: <https://youtu.be/of97FLPA1MU?si=quwqHIHD9ebcYIcu>. Acesso em: 10 de novembro 2024.

KELLER, Helen. **A História da Minha Vida.** 1º ed. Tradução de Myriam Campello. São Paulo: José Olympio, 2018. 518p.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Vértice, 2015.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral Como Arte da Escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016.

TAVARES, Alice. A nova era dos festivais: o papel da mídia na consolidação dos festivais de música no Brasil / Alice Tavares. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Bacharel em Comunicação Social: Jornalismo, 2021. Rio de Janeiro, 2021.42 p.

TOLEDO, Ana Júlia, et al. Aspectos Culturais do Povo Amazonense Celebrados do Festival Folclórico de Parintins no Amazonas. Projeto de Pesquisa apresentado à Faculdade de Tecnologia de Jundiaí. Jundiaí, 2012.

VILARINO, Casas Ramon – **A MPB em movimento: música, festivais e censura**. Editora: Olho d'água. Disponível em <https://www.amazon.com.br/Mpb-Em-Movimento-Festivais-Censura/dp/85854284812004>. Acesso em: 10 de setembro de 2024.

XIU CAST – Uma cidade Cultural, parte I Entrevista do senhor Dirley Lima Disponível em: <http://www.youtube.com/live/OFUZIdqErvU?si=pIR8ma5cCyVNnY3I>. Acesso em 05 de novembro de 2024.

XIU CAST - Uma Cidade Cultural, parte II. Entrevista do senhor João Cruz. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/XAvKQMq8fAY?si=NhnAIRaAkTUfE4V>. Acesso em 05 de novembro de 2024.